

**Entre o heroísmo e a vilania:
deslocamentos do sujeito em *Faroeste caboclo*,
de Renato Russo**

ANÍSIO BATISTA PEREIRA*

Resumo: O presente estudo se propõe a investigar o sujeito materializado na letra da música *Faroeste Caboclo*, cuja autoria é do cantor e compositor Renato Russo, integrante do grupo Legião Urbana. Desenvolvemos nosso estudo no campo teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, abordando os conceitos de discurso, sujeito, poder e resistência, de acordo com a perspectiva foucaultiana. Assim, objetivamos refletir sobre a constituição do sujeito e os deslocamentos experimentados pelo personagem João de Santo Cristo que, em diferentes momentos de sua história, assume posicionamentos cambiantes, tanto de submissão quanto de resistência às normas e práticas vigentes.

Palavras-chave: Discurso; Relações de poder; Resistência; *Rock* dos anos 80; Renato Russo.

Between heroism and villainy: displacements of the subject in Western Caboclo, by Renato Russo

Abstract: The present study aims to investigate the subject materialized in the lyrics of the Western Caboclo music, whose authorship is by the singer and composer Renato Russo, member of the Legião Urbana group. We developed our study within the theoretical-methodological field of French Speech Analysis, addressing the concepts of discourse, subject, power and resistance, according to the Foucaultian perspective. Thus, we aim to reflect on the constitution of the subject and the displacements experienced by the character João de Santo Cristo, who, at different moments in his history, assumes changing positions, both submission and resistance to current norms and practices.

Key words: Speech; Power relations; Resistance; 80's Rock; Renato Russo.



* ANÍSIO BATISTA PEREIRA é doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU/FAPEMIG). Membro-pesquisador do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF - UFU/CNPq).

Introdução

O *rock* nacional da década de 1980 apresenta seu processo de expansão em meio a algumas condições de emergência, tais como abertura política, crescimento da indústria fonográfica, interesse dos empresários pelas bandas, possibilitando a ascensão desse segmento musical na época supracitada.

Com influências de estilos norte-americanos e ingleses, o *rock* no Brasil se abre para um perfil de expressão mais direta, tendo em vista de que a censura já não se fazia presente (não com a mesma intensidade dos tempos da ditadura militar), dando condições para a composição e veiculação de letras contendo críticas diretas de cunho político e social. Essa abertura e intensificação das produções musicais levaram à criação de várias bandas de *rock*, cujos músicos eram, em sua maioria, jovens (com idades entre 16 e 29 anos). O consumo intenso desse segmento musical justifica a sua denominação como cultura de massa.

Considerando essa problemática, foi escolhida a letra *Faroeste Caboclo*, de autoria de Renato Russo, pertencente ao álbum *Que país é este*, lançado em 1987. Trata-se de uma narrativa poética que conta a trajetória do protagonista João de Santo Cristo, que, desde a infância no interior nordestino até sua fase adulta, em Brasília, tem sua vida marcada por conflitos sociais, oscilando entre mocinho e vilão. A partir desses embates, este estudo procura evidenciar os elementos resistência e relações de poder propostos por Foucault, e sua



relação com o discurso que se apresenta materializado na referida letra musical. O trabalho está organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento foram discutidos conceitos ligados à AD francesa, formulados pelo filósofo Michel Foucault; em seguida, as análises do *corpus*, em que apresentam os resultados e as discussões, delineando para as considerações finais.

Algumas discussões sobre discurso, sujeito, resistência e relações de poder segundo Michel Foucault

Este estudo pretende analisar a letra da música *Faroeste Caboclo*, de Renato Russo, com o intuito de apontar, a partir do seu discurso, os elementos resistência e relações de poder que a envolvem, por meio do protagonista dessa narrativa poética, João de Santo Cristo, em sua trajetória, do interior nordestino à Brasília-DF. Para tanto, alguns elementos merecem destaque, para a realização desse entrelaçamento entre os conceitos foucaultianos e o objeto de estudo em questão.

O discurso e o poder são elementos importantes no processo de constituição dos sujeitos. Vinculando-se ao social, pela troca de sentidos entre os sujeitos, o discurso se materializa pelos enunciados, constituindo indivíduos em sujeitos. Nessa vertente, elenca-se a formação discursiva (FD) como subsídio para o discurso, que, segundo Foucault (2008), refere-se a um conjunto de regularidades que determinam a homogeneidade e o fechamento do discurso. Nessa linha de raciocínio, é

possível afirmar que um discurso se apoia em uma mesma formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT [1969] 2008, p. 43, grifo do autor).

Pelo caráter apresentado pelo conceito de FD em Foucault, é possível estabelecer uma relação entre formação discursiva e resistência, bem como as relações de poder. Traduzindo-se em posições de sujeito, essas formações podem ser antagônicas, contrárias entre os sujeitos, em que há posicionamentos contraditórios sob vários aspectos (objetos) em diversos contextos sociais de produções de discursos. Portanto, os sujeitos se inscrevem nas FDs, estas, responsáveis pelo consenso ou resistência de determinados discursos e/ou situações que o cercam, caracterizando, assim, as relações de poder que são travadas cotidianamente entre os sujeitos.

Pela FD considera-se que um discurso é sempre aberto à relação com outros discursos ditos anteriormente, em algum momento na história. Trata-se da memória discursiva de um enunciado que apresenta sua inscrição na história. Considera-se que a produção discursiva, por meio das suas condições de existência, retoma discursos já ditos anteriormente, em algum momento na história e que esse enunciado (re)buscado ganha novo sentido

conforme as condições sócio-históricas que o sustentam. Assim concebida a FD, uma vez ligada à história, é por meio desta que o indivíduo se constitui como sujeito, pela subjetivação, portanto, na sua relação com outros sujeitos e com outros discursos, formando seus posicionamentos.

Nessa perspectiva histórica em relação à constituição do sujeito, a noção de memória entra em consonância com a formulação do conceito de arquivo proposta por Foucault ([1969] 2008), como o conjunto de todos os enunciados ditos em determinada época. Dessa forma, afirma-se que o arquivo constitui a lei do que pode ser dito. Ademais, é preciso considerar o enunciado como uma unidade do discurso que difere das proposições e dos atos de fala. Nessa concepção foucaultiana, o que está em jogo é a singularidade que demarca o aparecimento de um enunciado, o seu aspecto de raridade. As condições de existência do discurso permitem tomá-lo como um acontecimento (FOUCAULT [1969] 2008). Nesse contexto, a análise de um enunciado deve considerar o jogo de relações que ele estabelece com outros enunciados, podendo provocar o efeito de apagamento ou de valorização, fatores determinados pela sociedade (FOUCAULT, 1999).

Na dimensão contextual de um enunciado, cujo discurso se faz presente, o sujeito não é o centro do dizer. São as práticas e os discursos que constituem o sujeito, determinando o que pode se dizer em dado momento histórico. É válido acionar o sujeito que se apresenta na letra da referida música, que se constitui em um complexo contexto de relações sociais, nos campos escolar, profissional e amoroso, e até mesmo no tráfico ele se mantém tanto na condição

de sujeição (aceita as regras) quanto na resistência (quando as questiona), conforme as relações de poder estabelecidas entre os sujeitos na narrativa de *Faroeste Caboclo*. A noção de sujeito em Foucault (2007) apresenta como pano de fundo a subjetividade, como já mencionado, cujo processo de subjetivação se dá pelas relações sociais.

Nessa linha de raciocínio, o poder exerce função importante, pois, os sujeitos estão em constantes relações de poder, relação entre microfísicas do poder, que, no seu curso social, provoca o surgimento de verdades como resultante desse processo sócio-histórico. Nessas relações de poder, há uma espécie de individualização desses sujeitos, dados pela disciplina reguladora do comportamento, pelo próprio discurso, tendo o corpo como importante aliado, objeto do poder (FOUCAULT, 2007). Nesse confronto diário, o indivíduo é subjetivado, assumindo posicionamentos, sendo um produtor de poder e objeto do saber, processo da subjetivação/objetivação do sujeito. Outro aspecto que merece destaque é a relação entre poder e saber, que deve ser tomada como vinculada ao lugar social ocupado pelo sujeito.

Afirma-se que a verdade, então, é entendida como produção, estando condicionada à posição ocupada pelo sujeito do discurso (FERNANDES, 2012). Foucault (2007) aponta que o poder se dá de forma heterogênea e está em constante movimento, não sendo, portanto, estático. Ainda sobre a constituição do sujeito e sua íntima relação com o poder, sublinhando as considerações de Foucault, afirma-se que o sujeito se constitui historicamente, no âmbito de suas práticas discursivas. Assim, pela relação entre discurso,

sociedade e história, há mudanças nos saberes, e, conseqüentemente, liga-se aos poderes (GREGOLIN, 2003).

Pensando o sujeito e sua relação com o poder, tomando as palavras de Foucault (1997), vale ressaltar que o poder se liga a estratégias e a um momento histórico específico. Nessa dimensão, o poder não é algo que existe como acabado, mas acontece, isto é, há práticas de poder entre os indivíduos¹ ou grupos sociais, variando as formas pelo vínculo com instituições específicas de uma dada época. O poder é entendido como governamentalidade, “como um domínio de relações estratégicas entre indivíduos” (FOUCAULT, 1995, p. 110). Uma vez relacionadas às práticas subjetivas, essas relações de poder estão intimamente ligadas à história.

Para Foucault, o que importa é pensar as microfísicas do poder, isto é, a relação de força entre os indivíduos. O Estado não é tomado como força totalizadora que exerce poder soberano sobre esses indivíduos. Pensando assim, alguns determinantes, como estruturas ideológicas, forças de produção e luta de classes – defendidas por outros teóricos – são tomadas por Foucault (1995) como elementos determinantes dos modos de subjetivação do indivíduo, imersos em relação de poder. O poder produz sujeitos, não sendo, portanto, algo que apenas reprime e exclui. E o poder disciplinar, por sua vez, se liga diretamente a essas microfísicas do poder.

Foucault, em sua obra *Vigiar e punir*

¹ Passamos a usar o termo “indivíduo”, que Foucault utiliza para suas explanações sobre o poder. Assim, o termo “sujeito” (categoria linguística) é utilizado para as definições no discurso.

(2004) reforça a ideia de poder disciplinar, considerando a prisão como instrumento de controle da sociedade (isto é, do indivíduo/sujeito). Além da prisão, em várias instituições, como a escola, a igreja, as empresas, funcionam como mecanismos de vigilância do corpo, uma vez submetendo o indivíduo a condutas sociais que o mantêm sob controle, pela disciplina.

Foucault (1995) aborda a relação de violência entre os sujeitos, sendo uma ação violenta, destruidora e que age sobre o corpo, sendo totalizadora. Contrapondo-se à relação de violência, a relação de poder mantém o outro como sujeito de ação, isto é, dá liberdade de resposta desse outro, não sendo, portanto, fechada.

Pensando nestas questões, é válido elencar as relações de poder baseadas nas instituições, que apresentam toda uma estratégia para o funcionamento e manutenção dessas relações na lógica das organizações, pelas suas práticas. Dessa maneira, Foucault (1995) acentua que o poder nas instituições é, de certo modo, legítimo, uma vez considerando-se todo o aparato que o modela, como técnicas e procedimentos que demarcam essas relações de poder, no âmbito do governo das ações.

Esse exercício do poder vinculado às instituições está ligado a regras, aos modos de ação de um indivíduo sobre o outro e, sobretudo, aos discursos que predominam a partir das regras, do controle. Nessa linha de raciocínio, são trazidos à tona os dispositivos de poder, as instituições cujo poder influenciam nas relações entre os indivíduos (como por exemplo, a escola e o Estado), como formas de controle das ações, que, direta ou indiretamente, acabam por

desempenhar o papel de regulador das relações de poder entre os indivíduos.

Ao tomar as relações de poder pelas microfísicas do poder, isto é, que se constituem fora das instituições, pelas relações entre indivíduos, é possível considerar o discurso como um elemento chave no desempenho desse papel pelo sujeito. Considerando-se que o discurso se liga aos sentidos, por meio do qual ocorrem os processos de subjetivação/objetivação do sujeito, é válido afirmar que as relações de poder se manifestam, sobretudo, pela linguagem, tendo em vista a sua troca, cotidianamente, pelos sujeitos. Nessa circunstância, o discurso é o principal instrumento para o funcionamento do poder. As práticas discursivas se vinculam ao exercício do poder, bem como afirma Foucault (2004), que considera o discurso “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. (FOUCAULT, 2004, 55).

O discurso funciona como uma luta entre os sujeitos, no exercício do poder. A linguagem, uma vez ligada a instituições, é determinada por elas, isto é, controlada por esses dispositivos que determinam o que pode ser dito. Esse controle é definido por Foucault (1999) como “a ordem do discurso”. Além desse controle no que tange às regras estabelecidas, a vontade de verdade é outro ponto que merece destaque para o entendimento desse filtro discursivo. Essa vontade de verdade mantém vínculo com o momento histórico e exerce a função de selecionadora do discurso, isto é, pauta as verdades que interessam em um contexto, provocando mecanismos de seleção (exclusão) do discurso. E as relações de poder acabam por se relacionar com os discursos.

Outro ponto ligado ao discurso, no seu processo de seleção (vinculada à ordem) é a doutrina, uma vez que pelo discurso o sujeito acaba por se mostrar, revelar a doutrina na qual está ligada. Dessa maneira, os discursos, ligados à doutrina, revelam a(s) identidades do sujeito, seja como classe, raça, interesse, enfim, que externa a formação discursiva do sujeito (FOUCAULT, 2008).

Nesse entrelaçamento entre a ordem do discurso e as relações de microfísicas do poder, considerando o conceito de formação discursiva proposto por Foucault, é possível elencar a definição de resistência com mais precisão. Nessa linha de raciocínio, pelo discurso que é controlado pelas convenções sociais e que identifica o sujeito, este, por sua vez, pode exercer tanto o exercício da aceitação (assujeitamento) quanto o da resistência (rejeição) de um discurso, regra ou de uma situação social que não corresponde à sua formação discursiva.

Os deslocamentos em meio a relações de poder e resistências em *Faroeste Caboclo*

Para uma breve análise da letra de *Faroeste Caboclo*, escolhida para leitura, vale contar a história dessa narrativa poética, para depois entrarmos nas leituras propriamente ditas. Essa descrição pode ser útil no sentido de estar evidenciando as formas de subjetivação do sujeito protagonista, possibilitando relacionar essas formas com as resistências e as relações de poder inscritas no discurso da letra em questão. Vale destacar que o texto da letra, embora tenha uma estrutura poética, tem um narrador, a partir do qual percebem-se avaliações, julgamentos em relação aos

personagens, não simplesmente narrando os fatos.

João de Santo Cristo é um garoto que vive na região nordestina, no sertão da Paraíba, tendo sua vida marcada pela coragem, não possuindo medo, desde sua infância. Considera-se um corajoso nato, sendo que, segundo Santo Cristo, Jesus Cristo havia lhe dado essa “coragem” e o ódio que sentia. A revolta de Santo Cristo é ampliada quando seu pai é morto por um militar. Aos quinze anos é levado para um reformatório.

Na escola, Santo Cristo não era diferente, dando trabalho aos professores e frequentava à igreja não por objetivos religiosos, mas para roubar o dinheiro do dízimo que era doado pelas senhoras. “Sentia que ali não era seu lugar”, querendo sair para conhecer o mar e as coisas que ele via na televisão. Sentia-se discriminado por sua “classe e cor”.

Dessa forma, João de Santo Cristo vai à Salvador. Ao chegar naquela cidade, conheceu um boiadeiro, o qual viajaria para Brasília, mas pede para Santo Cristo ir no seu lugar. Assim, João de Santo Cristo vai para Brasília, chega à capital federal e começa a trabalhar de carpinteiro. Começa então a trabalhar em Planaltina, onde conhece pessoas e a frequentar locais públicos, como “zonas”.

Santo Cristo, insatisfeito com seu salário e cansado de ouvir promessas do ministro no sentido de lhe ajudar, alia-se a Pablo, um boliviano traficante e começa a plantar maconha. Santo Cristo fica rico, pois assume a liderança no tráfico. Sua vida social era frequentar as festas de rock, até que conhece alguns “boyzinhos” e começa a roubar. Porém, Santo Cristo vai para a cadeia, “agora ele era bandido e não alega medo de

ninguém, nem de polícia, traficante, playboy ou general”.

Momentos depois, Santo Cristo conhece Maria Lúcia, uma jovem linda por quem ele se diz apaixonado, querendo se casar com ela e ter filhos. Nessa fase de sua vida, o jovem retorna ao trabalho de carpinteiro. Mas ele não muda de vida e retorna sua parceria com o traficante boliviano Pablo.

Nesse momento, surge Jeremias, um traficante que fica sabendo dos planos de Santo Cristo e promete acabar com ele. O jovem não se intimida e faz promessas de reagir caso Jeremias comesse a brigar, pois Santo Cristo já sabia atirar e possuía uma arma adquirida por meio de seu parceiro Pablo.

Quando Santo Cristo decide voltar para casa, tem uma surpresa desagradável, pois Jeremias havia se casado com Maria Lúcia e engravidado a moça. Assim, decepcionado pelo ocorrido, João de Santo Cristo chama Jeremias para um duelo, tendo marcado o encontro na Ceilândia. Santo Cristo ameaça a acabar com Jeremias, seu rival, e com Maria Lúcia.

Dessa forma, acontece o encontro dos três: Santo Cristo, Maria Lúcia e Jeremias. Além do trio, a equipe de reportagem de TV também aparece para dar cobertura à tragédia. Jeremias atira Santo Cristo pelas costas e Maria Lúcia entrega a arma para seu ex, que atira em Jeremias, afirmando ser homem, não atirando pelas costas como seu rival. Maria Lúcia também morre de remorsos. E o povo que ali assiste declara que Santo Cristo era santo. “E a burguesia não acredita na história que vê na TV”.

Considerando a resistência e as relações de poder, dado pelo discurso, de acordo

com Foucault, vale destacar alguns trechos da letra da música em estudo, evidenciando os pontos mais perceptíveis em relação a esses elementos. Na trajetória do protagonista, percebe-se que desde a infância João de Santo Cristo se constitui como sujeito em um contexto social que contribui para que ele agisse de forma revoltada com a sociedade: “Era o terror da cercania onde morava”/’E na escola até o professor com ele aprendeu”.

No discurso, percebe-se que a formação discursiva do sujeito era contrária à realidade na qual ele vivia: tinha sonhos e a realidade vivida por ele no sertão nordestino não contribuía para tal realização, não havendo um consenso entre seu interior e exterior, tomando a resistência como aliada nesse descompasso: “Sentia que aquilo ali não era o seu lugar”.

Esse desejo de mudança e concretização de sonho é abafado desde a adolescência, ficando evidente nos seguintes enunciados:

*Aos quinze foi mandado pro reformatório
Onde aumentou seu ódio diante de tanto terror
Não entendia como a vida funcionava
Descriminação por causa da sua classe e sua cor*

Esse discurso sugere a forma como João de Santo Cristo é objetivado como “doente” pela sociedade, se submetendo a sanções sociais que acabam por deixá-lo ainda mais revoltado, reforçando seu discurso negativo em relação à sociedade que o cerca. Esse posicionamento condicionado às relações de poder pode ser relacionado às considerações de Foucault (1997),

quando afirma que as relações de poder se liga a instituições e a certas estratégias. E essa visão do sujeito em relação às ações da sociedade o deixa confuso “Não entendia como a vida funcionava”, resultando em um reflexo negativo sobre a sua visão de si “Discriminação por causa da sua classe e sua cor”. Nessa passagem, é evidenciado como os valores de classe (pobreza) e cor (negro) são adotados socialmente para qualificar ou desqualificar um indivíduo.

Percebe-se a presença da resistência de forma nítida em “Onde aumentou seu ódio diante de tanto terror”, pelo ódio que sentia da sociedade. Além de relação de poder, dada por duas forças que travam uma luta em relação às suas formações discursivas, posicionamentos contrários em relação a convenções sociais. Esse jogo pode ser relacionado à ordem do discurso (FOUCAULT, 1999), já que o sujeito é revelado por meio da prática discursiva.

Posições de sujeitos variadas coexistem por parte do sujeito protagonista: tráfico, religião, heroísmo, violência, roubo, de formas alternadas. Nos enunciados a seguir, é possível citar um exemplo dessa oscilação, bem como sugere a chance desse sujeito de se manter em um posicionamento de mocinho, mas recusa a ajuda do governo para se dedicar ao tráfico:

*E ouvia às sete horas o noticiário
Que sempre dizia que seu ministro
ia ajudar
Mas ele não queria mais conversa
E decidiu que como Pablo ele iria
se virar*

Essa adesão a um posicionamento “como Pablo” pode ser percebida como uma espécie de influência, mas que pode

ser aliada à falta de condições de trabalho e remuneração. Dessa forma, o sujeito se posiciona pela influência social, considerando a forma como esse protagonista é subjetivado. A resistência ao governo é nítida em “Mas ele não queria mais conversa”, uma vez que o poder de convencimento não pertencia mais ao ministro, mas a seu amigo Pablo.

Essa influência social que acaba por “conquistar” João de Santo Cristo é reforçada nos enunciados:

*Sob uma má influência dos
boyzinhos da cidade
Começou a roubar
Já no primeiro roubo ele dançou
E pro inferno ele foi pela primeira
vez
Violência e estupro do seu corpo
Vocês vão ver, eu vou pegar vocês!*

O texto explora, nessa passagem, um já dito, qual seja, o indivíduo é produto do meio, evidenciado em “má influência dos boyzinhos”. Assim, o protagonista é vítima dessas influências. No discurso, percebe-se um retorno do sujeito em relação a seu passado, quando era adolescente. Há um jogo de palavra em relação ao termo “inferno” para expressar a prisão, tendo em vista as relações de poder que prevalece sobre esse lugar socialmente demarcado. Trata-se de um discurso que revela duas formações discursivas distintas, como duas forças que travam uma luta, sugerindo a relação conturbada entre o sujeito protagonista e os que o mantêm em seu poder. A relação de resistência é notória em “Vocês vão ver, eu vou pegar vocês!”.

*Agora Santo Cristo era bandido
Destemido e temido no Distrito
Federal
Não tinha nenhum medo de polícia*

Capitão ou traficante, playboy ou general

O termo “Agora” revela uma mudança de posição, em que o sujeito exerce o poder, contrariando momentos anteriores, quando o poder era exercido sobre ele (reformatório, escola, igreja...). Nesses enunciados, há um jogo de palavras para demarcar relações de poder entre Santo Cristo com outros sujeitos, com lugares bem demarcados: “traficante, playboy e general”, lugares que podem ser definidos como um campo de batalha nos jogos de verdade (FERNANDES, 2012). “Não ter medo”, relação de resistência, inclusive de “general”, tendo em vista de que se trata de um sujeito ligado a uma identidade para “vigiar e punir” (FOUCAULT, 2004) a sociedade, como forma de controle. Ademais, o jogo com os termos “Santo Cristo” e “bandido”, sagrado e profano, reforça a ideia de poder atribuído ao sujeito.

A concorrência no “negócio” do sujeito em questão acaba por travar mais uma luta entre Santo Cristo e seu rival, mantendo-se uma relação de poder e resistência por ambas as partes:

*Mas acontece que um tal de Jeremias
Traficante de renome apareceu por lá
Ficou sabendo dos planos de Santo Cristo
E decidiu que com João ele ia acabar
Mas Pablo trouxe uma Winchester
22*

No enunciado “Mas acontece que um tal de Jeremias” revela que o domínio de Santo Cristo é ameaçado. Assim, percebe-se que o exercício de poder muda de lugar. Nesse contexto, afirma-

se que a trajetória histórica desse sujeito sustenta seu posicionamento, tendo em vista as considerações de Foucault (2008) em relação à constituição do indivíduo em sujeito que se dá pela história. Dessa maneira, João de Santo Cristo, ao se firmar nesses posicionamentos, acaba por ser objetivado como vilão, de acordo com o olhar do Outro. E, nesse processo histórico, Jeremias se constitui em apenas mais um rival do protagonista, com quem se mantém essa relação de resistência e poder.

Nesse processo de lutas, vale destacar o discurso como elemento essencial para o funcionamento das relações de microfísicas de poder, como se percebe no discurso “E decidi que com João ele ia acabar”. O discurso pode ser tomado, aqui, como uma arma que estabelece esse jogo de poder na relação entre os dois concorrentes, cada qual com seu processo de subjetivação/objetivação que se chocam pela ameaça a seus tráficos. Para além das armas propriamente ditas, o discurso regula as relações de poder entre os sujeitos.

No amor não é diferente em se tratando de Santo Cristo:

*Eu vou me embora, eu vou ver
Maria Lúcia
Já está em tempo de a gente se casar
Chegando em casa então ele chorou
E pro inferno ele foi pela segunda vez
Com Maria Lúcia Jeremias se casou
E um filho nela ele fez
Santo Cristo era só ódio por dentro
E então o Jeremias pra um duelo ele chamou
Amanhã, às duas horas na Ceilândia*

*Em frente ao lote catorze é pra lá
que eu vou
E você pode escolher as suas armas
Que eu acabo mesmo com você, seu
porco traidor
E mato também Maria Lúcia
Aquela menina falsa pra que jurei o
meu amor
E Santo Cristo não sabia o que
fazer
Quando viu o repórter da televisão
Que deu notícia do duelo na TV*

No contexto de adversidades do sujeito protagonista, o amor é tomado como o elemento capaz de provocar a mudança. Nessa direção, a luta que é travada no tráfico é transferida para a relação amorosa entre Maria Lúcia e Santo Cristo, relação que é quebrada pelo outro, Jeremias, que entra em cena. Dessa maneira, a relação de poder é elencada: “E então o Jeremias para um duelo ele chamou”/”Que eu acabo mesmo com você, seu porco traidor”. Trata-se de falas diretas do próprio protagonista, sugerindo a importância do discurso para as relações de poder.

Nesse triângulo amoroso, resultando em um duelo final, algumas questões merecem destaque, cuja oscilação do protagonista entre vilão e mocinho se dá de forma mais nítida, tendo em vista seu objetivo de se aderir ao casamento, isto é, constituir família e, ao mesmo tempo planejar o assassinato de seu rival no amor e no negócio. É sugerida uma forma correta de se atirar em uma pessoa, fazer o errado, mas da maneira correta.

A mídia merece destaque nesse processo de morte de Santo Cristo, tendo em vista de que “O povo declarava que João de Santo Cristo”/”Era santo porque sabia morrer”. A TV, como veículo de discursos de massa, possui o poder de

convencimento ou não de acordo com as formações discursivas dos telespectadores, bem como se percebe no posicionamento do povo em relação a João de Santo Cristo, que era visto como herói. Nessa direção, a confirmação de santo em relação ao sujeito, por parte do povo, se deve à mídia que o projeta dessa forma.

Ao longo da trajetória do sujeito em análise, algumas entidades merecem destaque, tais como escola, igreja e a mídia (meios de comunicação em massa (rádio e TV)). É apresentada arma de fogo, que, a certo modo, atribui poder aos sujeitos envolvidos no confronto. Nessa linha de raciocínio, esses elementos citados funcionam como mecanismos que controlam poderes, por meio dos quais o poder funciona entre os sujeitos, pelo discurso.

Considerações finais

Este estudo objetivou apontar traços de deslocamentos do sujeito João de Santo Cristo, pautados por resistências e relações de poder contidos no discurso de Faroeste Caboclo, letra musical composta por Renato Russo, integrante do *rock* brasileiro da década de 1980. Percebe-se que o protagonista supracitado trava situações de lutas nas suas vivências sociais, seja no tráfico ou na relação amorosa, oscilando entre herói e vilão, até sua morte espetacular. Essa trajetória, tendo como pano de fundo a história, pode ser relacionada ao deslocamento do sujeito, tendo em vista de que não se trata de apenas uma identidade que o caracteriza, mas várias, dada à sua subjetivação em meio aos desbravamentos sociais por ele traçados.

Pensando nessas questões, é possível destacar que o protagonista é subjetivado num contexto de lutas,

inclusive na sua adolescência, por meio do reformatório, fator que aumentou ainda mais seu ódio, levando-o a ter sentimento de rejeição à sociedade, culpando-a pelo seu modo de agir e pensar. E seu percurso em Brasília não é diferente, em que trava uma luta com concorrentes no tráfico e na sua relação amorosa, levando-o ao duelo final. Dessa forma, conclui-se que há presença de resistência e relações de poder, materializadas no discurso da letra da música. É possível detectar que essas relações de poder se dão na maior parte pelo discurso que é proferido pelo protagonista, nos enunciados da música. Destaca-se, também, a voz do narrador que, de certa forma, faz interferências, avalia, julga, influencia nos posicionamentos de João de Santo Cristo.

Ao longo de seu percurso histórico, o sujeito protagonista apresenta relações de saber e de poder por meio de oscilações em relação à sua constituição como sujeito; ora se apresenta como herói, ora se desloca para a vilania. Nessas circunstâncias, vale destacar que esses deslocamentos do sujeito apresentam como pano de fundo a história, cujo sujeito se subjetiva de acordo com as verdades de cada época, isto é, a partir do que é tomado como verdadeiro em cada momento histórico, como se observa na constituição desse protagonista em questão. Essa descontinuidade do sujeito está vinculada à vigência de cada período por ele vivenciado, se constituindo de formas distintas, cujos deslocamentos

impossibilitam a ideia de um sujeito fixo e acabado.

Referências

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. [1969]. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. [1970]. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999, p. 2-79.

_____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P.; Michel Foucault. **Uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso: Lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C.; SANTOS, J. B. **Teorias Linguísticas**: Problemáticas Contemporâneas. UFU: Uberlândia, MG, 2003.

Discografia

RUSSO, R. Faroeste Caboclo. Intérprete: Legião Urbana. In: LEGIÃO URBANA. **Que país é este**. Emi-Odeon Brasil, p1987. 1 CD. Faixa 7.

*Recebido em 2018-04-14
Publicado em 2018-09-18*